

RÉQUIEM PARA GONÇALVES DIAS REQUIEM FOR GONÇALVES DIAS

Eric Tirado Viegas
Titular da Cadeira nº 19
Patrono: José Severiano de Resende

I

No meio das lápides marmos verdores,
Cercados de troncos — cobertos de dores,
volteiam-se dos tetos d'altiva ilusão;
São muitos seus vermes, nos ânímos fortes,
Temíveis na terra, que em densos recortes
Espantam nos corvos a imensa fusão.

São rudes, sedentos, cobertos de fúria,
Já pródigos mordem, em surda lamúria,
Já meigos se fundem à voz do pastor:
São todos tão túbios, certos contentes!
Sua marca lá toa na boca dos crentes,
junção de prodígios, de fúria e terror!

Nos corpos vizinhos, silentes, sem brio,
Os dentes quebrando, lançando sombrio,
Incenso aspiraram das liras atrás
pastores das terras que os fortes precedem,
vultosos tributos ignavos lá pendem,
As favas certo suspeito que jaz.

No centro da tábua se estende certo,
adorna se aduna o conspícuo carneiro,
Do limbo penhora, dos lodos mais vis:
Os corpos deitados praticam na aurora,
E os jovens inquietos, que ficam de fora,
Derramam-se em choro dum corpo infeliz.

Quem foi? — ninguém diz: do pavor é ignoto,
Sua tábua não diz: — de um corpo revoltado
Precinto por certo — dum sino tão frágil;
Assim lá na terra do extrato mundano
formavam distinto do vil mais humano
As formas perfeitas do nobre e ardil.

Acaso da terra sofreu o parceiro,
Nos vãos dos carneiros: — no extenso pinheiro
Assola-se é certo, que o teve em missão;
Convidam dos ventres os vermes roedores,
Silentes se incumbem do acaso das flores,
Dos vários apreços da honrosa junção.

Conservam cabelos das briosas palmeiras,
Entesa-se o corpo, beleza faceira,
Adorna-se o ventre com cenas gentis:
Na lousa, entre as vagas u'á freira macieira,
nutrir-se memória, que dobra matriz.

II

Entre palmeiras, o sabiá,
que tão simplesmente gorjeia,
na tibia terra vem o dia
nas pálidas aves passeiam,
donde decantam e floream

Réquiem para Gonçalves Dias

lúgubres bosques já sem vida,
de ardores arderam a lida,
em dores túbios céus das flores
que sustêm na sua descaída,
das sombras das aves sofridas,
silente silêncio na eira,
muros de adobe da ramagem,
que olvidam a plumagem vista
do lugar mais alto já lista.

Entre palmeiras, expõe céu,
das plumagens das nuvens véus,
supõe gesto nítido léus,
do barulho dos muitos ossos,
da vida carcomida fossos,
dos crânios cravejados sós,
donde gorjeiam vermes réus,
barulho porta cemitério,
cujo som pesado mistério,
das aves das sombras dos seus,
suprimida vida critérios
postados manhãs túbio Deus,
expõe o diamante ao luar,
sombra das nuvens soltas no ar,
noturnos hábitos olvidam,
donde velhas corujas dão
vozes aos sapos e dos grilos,
que passeiam já pela terra,
onde longe garrido toa
nos passos vorazes à toa,
das almas mais simples ressoa,
gestos firmes grandes pessoas,
não gorjeiam mais como lá.

Em cismar, tão sozinho, à noite,
procuramos naufrágio açoite,
vozes gorjeiam surdo mar,
de suas lembranças pias luar,
enclausurados nós pascemos,
carregados de luto, temos,
olhar benigno duma freira,
que percebe que nau sem eira,
afundar pétreo marmo mar.

III

Venho presenciar esquiva,
veludo humílimo griva,
há crescer do marmo mar,
ânfora nau junto lar,
há de ser langor visão,
alma, entregue ilusão,
parto perfeito deságua,
na fonte do rumor d'água,
dessas sombras que se afogam,
nafragam imensos vão.

Ó jovem poeta que parte,
Musas silentes alardes,
há de nos conter a lágrima,
infinitas tumbas cima,
conduz luz da travessia
da dádiva anestesia,
quando certo dia ramagem
d'águas postaram plumagem,
já esquiva da luz amarga,
visão minha pasce alarga,

Réquiem para Gonçalves Dias

terá enfim sombra macia,
de cuja nau pétrea esguia
no marmo da lousa fria,
morrer ao assistir fim dia.

Atravessa, ó Poeta, à vida
dos abismos sermos lida,
escuta estranho colher,
funda mais razão pascer,
cálido assopro desvão,
suave visita e sermão,
alegre corpo terrível
da mais viva ave sabiá,
vagas palmeiras entreabrem
terrível pasce a voz ave,
não gotjeia vista suave,
do sopro cálido anúncio,
suas garridas dobram fios;
deixem; deixem brônzeos sinos
imenso ofício dos hinos.

Atravessa, ó Poeta, à lida,
sacrifício do naufrágio,
existência sem presságios,
pétreos marmos luz do Carmo,
fará enfim poema da vida.

IV

Não posso falar do marmo,
Não posso dizer da lida.

VOLTA

Senhora, visão podeis
Dizer marmo, ou que lida,
A ambos são frágeis vida:
Dizer — sim, mas não do Carmo;
Falar — não, mas não do fim.

OUTRAVOLTA

Senhora, visão é essa,
Ou que da nau sem-razão!
Que se eu vos indago — sim?
Objetais cá — o perdão!
Senhora, é isso ilusão?
Oh! que o é, mas não por fim;
Quando vós falar des— mim,
Um não quisera eu então!

Já nem sei que bem vos vira,
Nem que mais querer vos queira;
visão vossa mais que nossa,
perdão meu antes que vosso.

Eric Tirado Viegas